

EDIFÍCIO CAIÇARA: ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO. ESTUDO SOBRE UM MODO DE MORAR EM SÃO LUÍS – MARANHÃO.

Tayana do Nascimento Santana Campos Figueiredo – Bolsista BIC-FAPEMA
Orientadora: Marluce Wall de Carvalho Venâncio

O Edifício Caiçara permaneceu e permanece como único exemplar de edifício residencial na área central da cidade de São Luís. Foi tomado como ponto de partida e de reflexão para se identificar e analisar momentos iniciais das novas lógicas espaciais e culturais que reverteram à continuidade histórica dos modos de habitar na cidade. Desse modo, a trajetória do Edifício Caiçara no tocante ao seu significado no contexto sócio-espacial ao longo de diferentes temporalidades, do momento da sua construção nas décadas de 1960/1970 até os dias atuais se apresentou, então, como uma questão de estudo. Para responder tal questão foi formulado um objetivo geral que buscou *compreender a emergência da residência multifamiliar (edifício de apartamentos) como expressão de um modo de habitar que caracteriza um rompimento com a morfologia existente em um tecido urbano tradicional, tendo como referência concreta de estudo o edifício Caiçara, situado na Rua Grande na cidade de São Luís*. Como objetivos específicos a pesquisa privilegiou (1) *analisar a trajetória do Edifício Caiçara no tocante à sua materialidade (tipologia e características formais) e ao seu significado no contexto sócio-espacial ao longo de diferentes temporalidades: o momento da sua construção nas décadas de 60/70 e os dias atuais;* (2) *Demarcar as motivações, os interesses e os significados culturais presentes no novo modo de habitar a cidade, representado pelo edifício Caiçara*. No trabalho de investigação, o estudo foi dividido em pesquisa bibliográfica e em campo. A *pesquisa bibliográfica e documental* apoiou-se em referências teóricas, através das quais se aprofundou o estudo de temas capazes de contribuir para a apreensão de aspectos materiais e simbólicos envolvidos na construção e trajetória do Edifício Caiçara como modernidade, movimento moderno de arquitetura, verticalização e moradia. A *pesquisa de campo* focou-se nas questões relativas mais especificamente ao Edifício Caiçara tendo em vista a compreensão desta modalidade arquitetônica vertical de moradia ao longo de sua existência. Para a reconstrução de parte significativa da história dessa forma de habitar, entrevistou-se 26 moradores em 26 apartamentos, dos 48 que formam o Edifício (sendo que três deles encontravam-se fechados); 7 ex-moradores e 7 profissionais pesquisadores. Na realização das entrevistas foi utilizado o recurso do gravador, que garantiu o registro e a posterior transcrição dos depoimentos além dos modelos de questionários com perguntas específicas para os três grupos. Através das entrevistas com os moradores foram analisados quesitos objetivos - como o perfil do morador (idade, sexo, grau de instrução, área de atividade profissional, quantidade de moradores por apartamento e local de trabalho) - e subjetivos (caracterização das relações de vizinhança, motivações para morar no Edifício, vantagens e desvantagens de morar na área central). A análise das entrevistas foi feita a partir do agrupamento dos temas em tabelas. De acordo com os dados que compõem o perfil dos moradores, percebeu-se que a maioria dos entrevistados (38,4%) apresenta idade entre 40 e 60 anos, seguida dos moradores

entre 61 e 80 anos que apareceram em 30,8% dos casos. 42,3% dos entrevistados são aposentados e maior parte desse valor é formada por mulheres. Foi quantificado o grau de instrução dos moradores entrevistados sendo 53,8% que apresentam ensino médio (maioria) e 46,1% que apresentam ensino superior. Os 53,8% são formados por pessoas que trabalham e estudam. Os índices também nos permitem confirmar um dado apontado por vários moradores durante as entrevistas: - o fato de o Edifício Caiçara ser uma forma de habitação favorável funcionalmente às pessoas mais idosas. Para tal, são destacados fatores como segurança, a proximidade dos serviços (hospitais, bancos, escolas) e comércio (lojas, supermercados) e igrejas. Ou seja, a pessoa idosa sente-se livre e independente diante da praticidade que um bairro que pode ser percorrido a pé proporciona ao cotidiano. Este é um dado importante quando se lida com a questão da promoção habitacional em áreas centrais, pois fica claro que essa é uma fatia da população que, certamente, demanda por moradia nessas áreas. Os dados referentes ao perfil familiar demonstraram que há um equilíbrio entre os moradores que vivem sozinhos e as famílias que possuem 2 ou 3 componentes. O sexo feminino prepondera sobre os moradores do sexo oposto. Dentre os condôminos que moram sem família, é importante lembrar a presença das senhoras aposentadas que moram em seus apartamentos organizados e encontram-se sempre dispostas a exercerem seus compromissos e atividades no bairro: seja visitar um amigo, ir a um médico, ir à Igreja ou pegar um táxi para visitar um parente. Nos quesitos relativos aos aspectos da relação entre o morador e o edifício, constatou-se que 57,69% moram há menos de 5 anos no Edifício, ou seja, a maioria dos moradores. Quando questionados sobre os relacionamentos com os vizinhos, as respostas dos moradores variaram entre “relações de amizade” (30,8%), “relações cordiais” (10%), não tomaram conhecimento (23,08%) e apenas nas reuniões de condomínio (7,69%). Sistematizaram-se também os argumentos relativos às motivações dos entrevistados para morar no Caiçara onde a maioria se mostra satisfeita em ali morar, devido a fatores ligados ao cotidiano da vida cidadina, como a proximidade de funções urbanas como comércio, serviços e escolas, igrejas bem como a segurança proporcionada pelo prédio. Os entrevistados alegam uma grande identificação com o bairro do Centro como a grande motivação para morar no prédio (46,15%). Aparece também a segurança (34,61%), o gosto pelo apartamento (26,92%), a localização privilegiada (26,92%), a proximidade do trabalho (23,08%), a comodidade (15,38%), o fato de possuírem familiares residentes no bairro do Centro (15,38%), de terem herdado um imóvel (3,85%) e o interesse cultural pelo bairro (3,85%). Dos 26 entrevistados, apenas três pretendem se mudar do Edifício enquanto que a outra parcela, (80,79% dos moradores) pretende não se mudar. Assim, pode-se concluir que os habitantes do Caiçara estão, na sua maioria, satisfeitos com essa modalidade habitacional da área central. A elaboração sobre a visão dos ex-moradores toma por base depoimentos de 7 ex-moradores do Edifício Caiçara, incluindo-se moradores antigos e com muito tempo de residência neste endereço, como também moradores que permaneceram apenas 1 ano. Os aspectos abordados nas entrevistas foram de cunho mais subjetivo, captados através de perguntas que exigiram respostas longas que foram gravadas e posteriormente transcritas. Durante as entrevistas, ao transformar em memória coletiva a experiência individual de ter morado no Caiçara, um sentimento

forte de nostalgia e lamentação se fez presente, principalmente, nos depoimentos dos mais antigos ex-moradores. Apontam também o fato do Caiçara ter se popularizado, enfrentando um processo de degradação análogo ao próprio bairro no qual se implanta. Essas visões nascem dos mesmos ex-moradores nostálgicos com relação ao Centro da década de 1960 e, se opõe, a visão prática e positiva dos moradores atuais. Outros ex-moradores, apesar de algumas críticas, deixam claro que voltariam a morar no prédio. A efetivação da pesquisa nos permite concluir ao seu final, que de fato o ambiente construído resulta de múltiplas determinações, são produtos (ao mesmo tempo em que ajudam a produzir) de sistemas e processos econômicos, políticos, espaciais e culturais. Assim, a construção do Edifício Caiçara, na cidade de São Luís na década de 1960, manifesta de modo particular e tardio, a busca dos ideais modernos em arquitetura e nos modos de morar, iniciados na sociedade brasileira na passagem do século XIX para o século XX. Os depoimentos e narrativas dos seus moradores apontam para o fato de que morar no Caiçara significa qualidade de vida devido à sua localização, à proximidade do comércio e de serviços essenciais e à facilidade de acesso a todos os pontos da cidade, a proximidade da Igreja que freqüente por possibilitar a convivência com os vizinhos e amigos e a continuidade de suas relações de amizade. Ao mesmo tempo observando a vida no Edifício pode-se constatar a convivência da permanência de antigos costumes, como o de ficar com as portas abertas, com o fato de muitos moradores apenas se cumprimentarem cordialmente nos elevadores. Que podemos extrair dessa condição? Primeiramente que o moderno pode conviver com o antigo. Que o edifício Caiçara, moderno na década de 1960, pertence ao centro antigo em diferentes temporalidades. Na primeira, entre as décadas de 1960 e 1970, como uma arquitetura da novidade, uma referência para a arquitetura moderna em São Luís em forma de marco vertical no Centro da cidade habitada por famílias de classe média e alta da época. Na segunda, que coincide com a atualidade, avistamos um Edifício que, acompanhando a própria crise da função-moradia no bairro central, ressemantizou-se como uma edificação que pertence ao Centro e é sinônimo de qualidade de vida. A pesquisa indica, finalmente, que o Centro pode ser um bom lugar de morar e, neste caso, que o Edifício Caiçara, localizado na principal rua comercial da cidade se mantém como um símbolo arquitetônico que além de contribuir para a constituição do patrimônio moderno da cidade ainda seduz e agrada uma série pessoas interessadas em morar contando com a praticidade que um Edifício Multifamiliar de apartamentos tem, aliando a isto um contexto urbano tradicional, que por ser vivo, é belo, forte e capaz de promover desenvolvimento à cidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Waldenira. **Imagens do Moderno em São Luís**. São Luís: Edições FUNC, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

RIBEIRO Jr, José Reinaldo Barros. **Formação do Espaço Urbano de São Luís: 1612-1991**. São Luís Edições. FUNC, 1999.